

7 retratos.

7 paisagens enquanto retrato.

Valter Vinagre

Beira Baixa

— sob perspectiva

A Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa (CIMBB) assume como desígnio a valorização do território e das suas gentes. A dimensão cultural tem neste contexto um papel fundamental. Assim, a CIMBB, em articulação com os Municípios que a compõem, tem vindo a desenvolver um plano de programação cultural que permite valorizar as tradições, os artistas regionais e locais, dar a conhecer pontos de interesse diversos e, sobretudo, dignificar as nossas populações.

Entre os anos de 2018 e 2021 foram várias as iniciativas de âmbito cultural que permitiram distinguir a excelência deste território. A Beira Baixa tem vindo a afirmar-se no panorama nacional e tem assumido um posicionamento estratégico no que respeita à relação com a vizinha Espanha. É um trabalho de persistência que a CIMBB pretende continuar a implementar no território, em conjunto com as pessoas que dele fazem parte e com as instituições que o animam.

A Cultura é, sem margem para dúvida, a dimensão que nos distingue de outros territórios e aquilo que alimenta a nossa alma.

O presente Catálogo resulta de um trabalho empenhado onde a CIMBB foi capaz de evidenciar a riqueza do território, das tradições e das gentes através do olhar de artistas diversos, mas conhecedores da região.

Acreditamos que o trabalho em rede é o caminho certo, provavelmente o único possível, para se continuar a posicionar a Beira Baixa como um território de desenvolvimento sustentável, autêntico, atrativo, distintivo e de uma identidade singular.

Nós acreditamos!

— Luís Miguel Ferro Pereira
Presidente da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa



Um território ímpar

— CIMBB

Situado no centro de Portugal junto à raia, o território da Beira Baixa encerra em si uma vasta diversidade de elementos materiais e imateriais que lhe conferem, por um lado, uma forte unidade identitária e, por outro, uma diversidade ímpar, disseminada por cada Município que a constitui: Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão.

Percorrida pelos rios Tejo, Zêzere, Ocreza, Erges e Ponsul, e encaixada nas Serras da Gardunha, Malcata e Muradal, a Beira Baixa seduz cada visitante pela forma como as tradições que a sustentam, cultural e economicamente, se projetam numa vivência direcionada para o futuro.

Entre o xisto e o granito, os contrastes geográficos moldam a paisagem natural e a forma como as suas gentes foram construindo o património edificado de carácter civil, militar, religioso e etnográfico.



Jardim do Paço Episcopal, Castelo Branco
Arquivo CIMBB



Igreja do Convento de Santo António, Penamacor
Arquivo CIMBB

Esta é uma região de encantos monumentais, erguidos pela mão do Homem e pela força da natureza, com cidades erigidas pela espada de cavaleiros e que bispos e artistas embelezaram mais tarde, onde os sabores vindos da terra desafiam os sentidos e perpetuam memórias.

A história e cultura da Beira Baixa refletem-se um pouco por toda a parte. Do Jardim (histórico) do Paço Episcopal, mandado construir pelo bispo D. João de Mendonça, em 1720, a Monsanto — considerada a aldeia mais portuguesa de Portugal. Do Centro de Ciência Viva e da Floresta, repleto de desafios para todas as idades, ao Centro de Interpretação de Arte Rupestre do Tejo, local onde é possível observar fósseis, como trilobites, entre muitos artefactos, alguns com cerca de 300 milhões de anos.

Da panóplia de espaços culturais para descobrir na Beira Baixa, faz, também, parte o Museu Municipal de Penamacor, que, para além do valioso espólio arqueológico e de alguns notáveis apontamentos de arte sacra, dispõe ainda, de coleções tão díspares e surpreendentes como a de numismática, alfaias e apetrechos agrícolas, utensilagem e ferramentas de ofícios, e uma interessante mostra de exemplares embalsamados da fauna local, onde não falta o linco ibérico. Por fim, destaca-se Álvaro, uma das quatro Aldeias de Xisto da região, rica em património religioso, a aldeia foi outrora uma importante povoação para as ordens religiosas, nomeadamente a Ordem de Malta, que deixou inúmeros testemunhos da sua presença.

A Beira Baixa oferece-lhe inúmeras oportunidades para descobrir o que de melhor o País tem. A cada passo revela-lhe uma preciosa memória do Passado, à espera que a venha descobrir.



Álvaro, Oleiros
Arquivo CIMBB



Museu Municipal, Penamacor
Arquivo CIMBB



Centro de Interpretação de Arte Rupestre,
Vila Velha de Ródão
Arquivo CIMBB



Centro de Ciência Viva e da Floresta, Proença-a-Nova
Arquivo CIMBB

**7 retratos.
7 paisagens enquanto retrato.
Valter Vinagre**

Crítica da razão dura

— Luís Pedro Cabral

Há 4,5 biliões de anos (dizem que é só um terço da idade do universo), a Terra já era demasiado bruta para a vida. Água, terra, fogo, ar. Nesse éon, o planeta era um imenso arquipélago vulcânico, constantemente trespassado por corpos celestes. Os elementos não eram menos elemento por isso, assim como o vento já era vento, magma já era magma, rocha já era rocha, enxofre já era enxofre, dióxido de carbono já era dióxido de carbono, hidrogénio já era hidrogénio, a química já era química, os ciclos, ciclo. A origem já era origem, muito, muito antes do Homem achar que a origem de tudo o que conta está na orla da Humanidade, razão pela qual se convencionou aplicar nessas palavras letra capitular, como Deus.

Há sobre a matéria da matéria correntes prevalectes, que começam onde acaba o mundo sem a espécie animal. Doutrinas criacionistas, que entendem o mundo como o universo e este a criação de uma divindade, um ser superior, arquitecto elementar de todos os seres e de tudo quando os rodeia. Teorias de panspermia cósmica, que sustentam ter sido a Terra o receptáculo de substâncias oriundas de outros planetas, que chegaram à superfície terrestre através de meteoros, asteróides, poeiras cósmicas, originárias de vida. Discípulos da abiogénese, cujos fundamentos assentam no princípio da vida de geração espontânea, brotando da matéria orgânica. Os indefectíveis da biogénese, que sustentam que o ser vivo se formou a partir de organismos residentes. Os que defendem que a origem da vida é o resultado de um longo processo químico e molecular, que começa por simples compostos de oxigénio, hidrogénio e carbono, que, por sua vez, formaram moléculas orgânicas e que estas, constituídas por aminoácidos e açúcares, modificaram para outras mais complexas, de carbo-hidratos e proteínas, que evoluíram no sentido da duplicação, originando, assim, os seres vivos primordiais. Os imutabilistas, que confiam na perfeição de 360 graus. Os catastrofistas, que acreditam na perfeita desagregação. Os evolucionistas puristas, que dormem com a selecção natural de Darwin à cabeceira. E os evolucionistas do evolucionismo, que adicionam novos caminhos científicos à premissa da mesma conclusão. Os neutralistas, que assumem um corte epistemológico com as teorias da selecção natural, explicando matematicamente que é a deriva genética o grande determinador da biodiversidade, que esta não depende de factores seleccionistas e, mesmo na ausência de selecção natural, a evolução molecular se verifica, sendo determinada por processos aleatórios, absolutamente arbitrários.

Sobre a velha metáfora antropomórfica do ovo e da galinha, há muitos ramos da ciência que se devotam à questão, inúmeras correntes filosóficas a montante e a jusante, a nascente e a poente, teses que nunca mais acabam, teorias sem fim,

doutrinas heterónimas, que se confundem constantemente, e até epístolas, por definição, avatares de verdade. Por muito plausíveis que sejam todas as alocações, o Homem não consegue de modo algum relacionar-se com a sua condição de ponto final, mesmo sabendo, com o inevitável rigor mortis da sua ancestral sabedoria, que do cruzamento do macho original com a fêmea original, no dogma do ser humano, só podia originar um pecado original, concebido pela originalidade do pensamento.

Um desses dias, aconteceu com a espécie humana o que acontece com os paradigmas e a generalidade das suas alegorias estruturantes, incluindo o caos. Num momento difícil de determinar historicamente, por causa das suas ramificações arqueológicas, deu-se na Humanidade o advento globalizador da burocracia, correspondente a uma íntima ansiedade fiscal, motivada por sentimentos autotróficos de etnia, de si tão gregários, quanto separatistas. Antes de sedimentar, a assimetria tornou-se viral, num gigantesco labirinto de falsas supremacias, espécie de selecção natural de casta artificial, uma miríade negra de hierarquias, que se enraizou fundo, nas próprias raízes do homem. Um desses dias, alguém inventou o conceito de igualdade, para conter a epidemia do inverso. Um desses dias, formaram-se as hordas, as tribos, as legiões, os exércitos, os chefes, os comandantes, os líderes e os liderados, a maioria e as minorias. Inventou-se a guerra, para se inventar a paz. Inventou-se a excepção, mesmo antes de se inventar a regra, inventou-se o bem e o mal, as liberdades, as leis, as prisões, o totalitarismo e as revoluções, normas, ideologias, tecnologia. Aconteceu com a evolução o que aconteceu com o universo, o sistema solar, o planeta Terra, os elementos, os céus, os mares, os continentes, os países, as regiões, os distritos, os concelhos, os municípios, as freguesias, os bairros, as avenidas, as ruas, os lugares, o metro quadrado, o centímetro, o milímetro, a partícula, a sua infinitésima parte: o mundo nunca foi tão grande e nunca tão pequeno ao mesmo tempo. A escala humana aumentou, aumentando a escala de desumanização.

Um desses dias, alguém desterrado num gabinete de malha urbana - rodeado de pessoal atarefadíssimo e altamente especializado, rodeado de prédios que apagam o horizonte, submersos em névoa industrial, cercados por todos os quadrantes de automóveis a leasing e peões que passam cheios de pressa, sitiados uns pelos outros como vegetais milicianos numa horta de cimento -, resolveu inventar terminologia solene para definir uma casa abandonada, um campo ao destrato, um estrada engolida na vegetação, uma chaminé sem fumo, uma escola sem crianças, uma aldeia onde só os velhos vivem, a imensidão sem uma vírgula de gente, o insuportável silêncio que fazem os lugares substraidos das pessoas, a água que corre em fontes de ninguém, os fornos sem cozer pão, os dias que passam sem ecoar uma voz, a vida sem uma sombra que tenha a forma humana, a solidão das solidões, enquanto património imaterial da Humanidade. Chamaram-lhes territórios de baixa densidade, utilizando-se a expressão amiúde, a cada quadriénio que passa.

À primeira vista, a expressão significa algo próximo de concretamente nada. É tecnicamente evoluída, com grandes virtudes de acalanto tecnocrata, embora fique melhor no pretérito imperfeito do que num futuro próximo. Tratando-se de uma expressão contemporânea, uma espécie de gadget semântico, em Portugal só pode significar as quatro longas décadas de ditadura, em que o pensamento era subversivo e a pobreza um bem público, pregada aos pobres como um evangelho. Lisboa não era apenas a Metrópole, era o centro de um império decadente, que na II Guerra Mundial dançou a dança da neutralidade, dançando depois a dança da morte numa guerra colonial. Lisboa, eterna capital do paternalismo e dos desenraizados, era o ninho de seda das elites. O resto era a paisagem, como se fosse um lugar distante, um paradigma bucólico aquém e além-urbe, onde ficavam as suas casas de campo, recicladas com respeito pela traça dos bons velhos tempos da monarquia, com a devida vénia à estética rural do Estado Novo, muito longe de simplista. Para os terratenentes em geral, o campo era tudo o que se via na viagem, o infinito que se tinha pela manhã, quando se abriam as portadas da janela do quarto, e ao entardecer, agitando levemente um cálice de Porto no terraço, saboreando a extensão da propriedade. Ao longe, pelo menos da vista, viviam as pessoas de lá, vivendo da esmola que a terra lhes dava, reinventando o receituário da fome. A vida podia ser mais dura que granito e xisto num só, mas nesse isolamento fortaleciam os laços de comunidade.

Os anos 60 sangraram os territórios, pelo esforço de uma guerra ultramarina, pela pobreza extrema que grassava nos campos, pelo ofício de procurar vida melhor no litoral prometido ou num cantinho de diáspora, para onde mais do que uma geração foi atirada a coice de mula dissimulada, a salto pelas fronteiras do ser. A desertificação do interior, como pomposamente lhe chamam as cidades do mar, não foi uma daquelas vagas migratórias que partisse do seu berço de livre e espontânea vontade. Sempre foi uma consequência, tão pura e tão dura quanto uma liga de pedra.

Ao contrário das pessoas, o amor à terra nunca as abandonou, mesmo com as raízes à deriva na seiva amarga da distância, mesmo que as gerações que nasceram entretanto já não tenham nascido onde nasceram os seus pais, os seus avós, os avós destes. Tudo isto para dizer que a grande verdade das pequenas coisas não se encontra onde se espera, muito menos onde se julga. A história do mundo não tem história sem a história de cada um dos seus lugares, em cada mundo preciso, tendo cada um deles o seu interior e, no seu interior, o interior das pessoas.

Com isto, falo das fotografias de Valter Vinagre (Sete Retratos. Sete Paisagens Enquanto Retrato), por esses 4648 quilómetros quadrados de extensão, onde vivem, de acordo com os Censos de 2011, perto de 90 mil habitantes. Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão. Há uma inquietude quieta nestas fotografias. E talvez seja este elemento

que melhor traduza a identidade beirã, que não é uma só, nem tem uma só cultura, formando nessas diferenças os seus traços comuns, na justa medida em que cada lugar, cada pessoa, encerra o seu mundo próprio, com a sua origem e a sua finisterra. Não é fácil, o caminho desta compreensão. Não é fácil, a sua transposição fotográfica. Não é possível lá chegar, quando o olhar é debutante, demasiado fascinado pela beleza do óbvio. Exige uma relação longa com o território e com as pessoas, vendo através das suas ínfimas camadas de beleza, a beleza das coisas. Une às vezes o olhar o que os homens não conseguem. A cultura, enquanto património vivo, cumpre nestas alturas a sua essência unificadora. Estas fotos obrigam-nos a olhar muito para além destas. Falam-nos do que não se vê. Há nestas fotografias uma estranha alquimia, que se expressa pela ausência, como se nelas se tivesse invertido a profundidade de campo. Notam-se nas pessoas os traços do seu território e nas paisagens os traços das pessoas, captando-as no tempo a passar. Obrigam-nos a viajar para longe dos pixeis, estacionando fora delas o olhar. Sentem-se cheiros doces, familiares. Sente-se a lareira acesa. Sente-se o passado, o presente e o futuro a cumprir-se na tradição. Escutam-se os sons melancólicos da terra a respirar, sob o coro da sua natureza. Coisas que só os do campo sabem com a alma. Coisas simples, complexas de captar, que não se captam sem aceitar o que no interior nos une à ruralidade.

Há um certo evolucionismo darwinista no amor à terra e um comportamento de molécula nesse gostar. A densidade da raiz nunca é baixa, como é baixa a densidade superficial. A sua natureza não é migrante. É por essa razão que o interior ao interior pertence, sem falsos olhares, nem conceitos demodé de ruralidade. Há na ruralidade realidade e, nesta, futuro sustentável. Envolve partida. Envolve viagem. Envolve regresso. Tudo é interior. Somos todos interior. O nosso interior é Portugal. Talvez um dia este conceito vigore melhor, embora qualquer pessoa de bom-senso saiba que os nossos maiores desertos ficam no interior das cidades.

Luís Pedro Cabral nasceu em Lisboa, em 1969. É jornalista de formação, tendo começado a sua actividade profissional n' *O Independente*, praticamente desde a sua formação, onde permaneceu cerca de 12 anos. É, há largos anos, freelancer, colaborador permanente do *Expresso*, colaborador regular da *Visão* e *Visão História* e editor da *Adufe*, revista cultural de Idanha-a-Nova. Publicou reportagens em variadíssimas partes do mundo, em inúmeros jornais e revistas nacionais e internacionais. Tem igualmente vários contos publicados na revista *Egoísta*. Publicou recentemente o seu primeiro romance.



Filipe Faria
Paisagem Sonora #1
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Proença-a-Nova

Proença-a-Nova

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

O projecto da Beira Baixa Cultural, no qual se insere a exposição Beira Baixa sob Perspetiva, surge da simplicidade desarmante de uma ideia fulcral para este território: a união de esforços para um bem comum, pois a Beira Baixa vale mais do que a mera soma de cada uma das suas partes.

Para abordar cada um destes municípios da Beira Baixa foram convidados dois fotógrafos, que, entre similitudes e dissemelhanças, partiram à (re)descoberta da região em busca do espírito da terra.

Da fotografia de Valter Vinagre - mais poética, mas crua - à fotografia de Pedro Martins - mais objectiva, mas lírica — o território vai revelando um tecido complexo, que, recortado ao seu próprio modo, é construído a partir de uma mesma trama, feita de paisagem, de texturas e de pessoas.

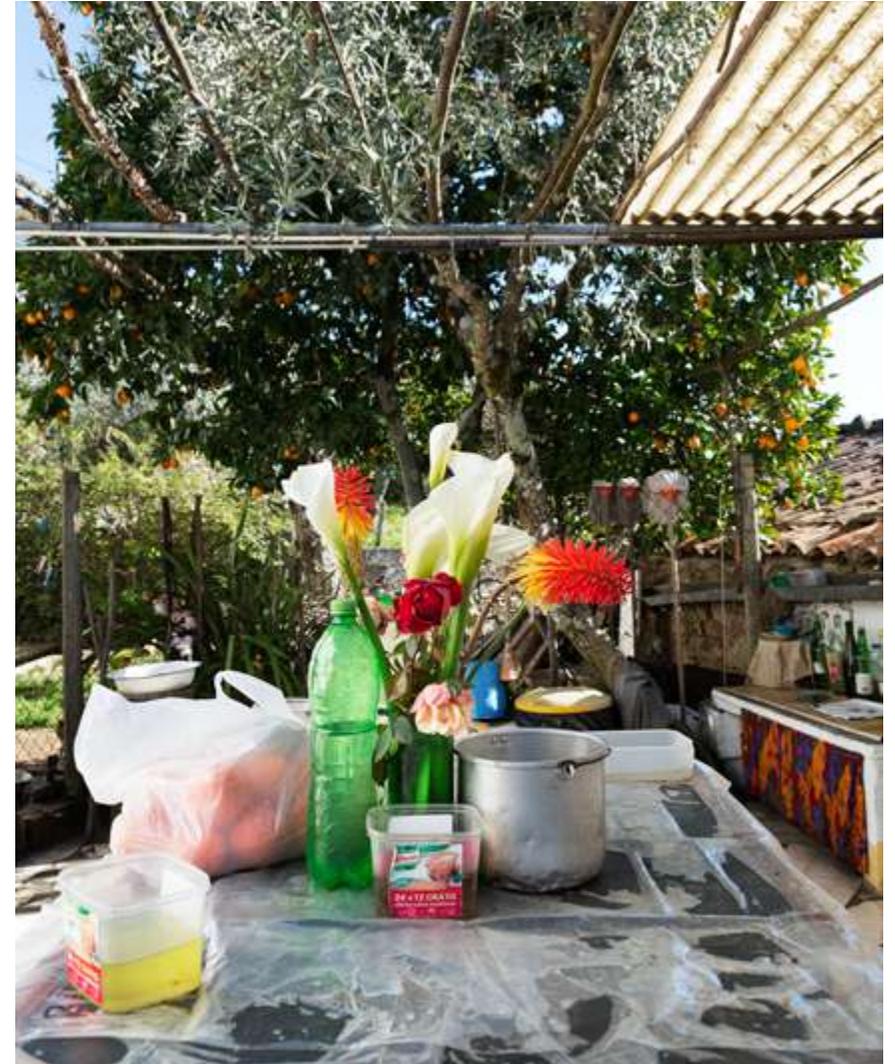
Na sua vertente expositiva, o conceito de Beira Baixa sob Perspetiva alia o estudo fotográfico do território ao património museológico de cada concelho, apresentando peças relacionadas com temas definidos, expressamente seleccionados para cada espaço expositivo.

O momento inaugural, em Proença-a-Nova, associou à imagem fotográfica a primeira das instalações sonoras, que viriam a integrar a exposição, desenhadas por Filipe Faria a partir desse património de consistência imaterial que é o som dos lugares.

O fruto das suas recolhas traduz, de uma forma subtil, o âmago daquilo que é partilhado pelas pessoas de cada concelho - sendo a comunidade o verdadeiro património comum.

A recepção deste elemento foi tão calorosa e positiva, que foi inevitável estender a iniciativa a todos os concelhos.

Sem Título #11 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Rabacinas, Proença-a-Nova, Portugal





Sem Título #07 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Proença-a-Nova. Portugal



Olinda de Jesus #01 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Cimadas Cimeiras. Proença-a-Nova. Portugal



Sem Título #10 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Rabacinas, Proença-a-Nova, Portugal



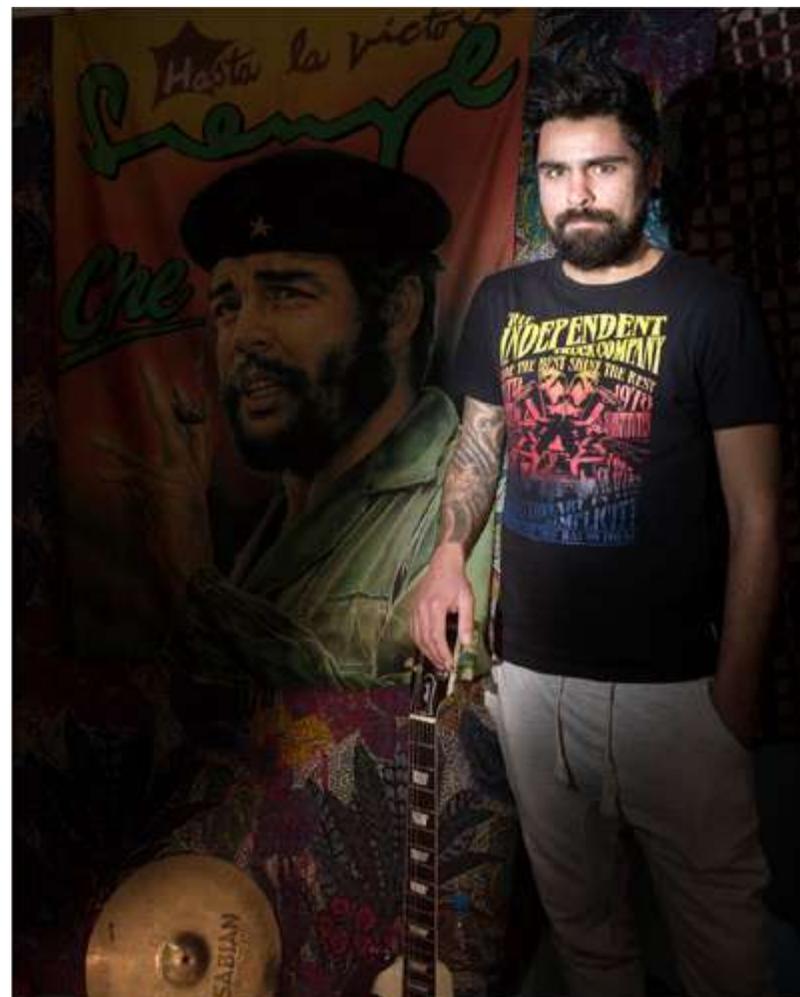
Maria do Rosário Cardoso #03 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Póvoa, Proença-a-Nova, Portugal

Sem Título #14 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Ferraria, Proença-a-Nova. Portugal





Leonor Dias Martins #04 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Proença-a-Nova. Portugal



José Rodrigues #07 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Catraia Cimeira, Proença-a-Nova. Portugal



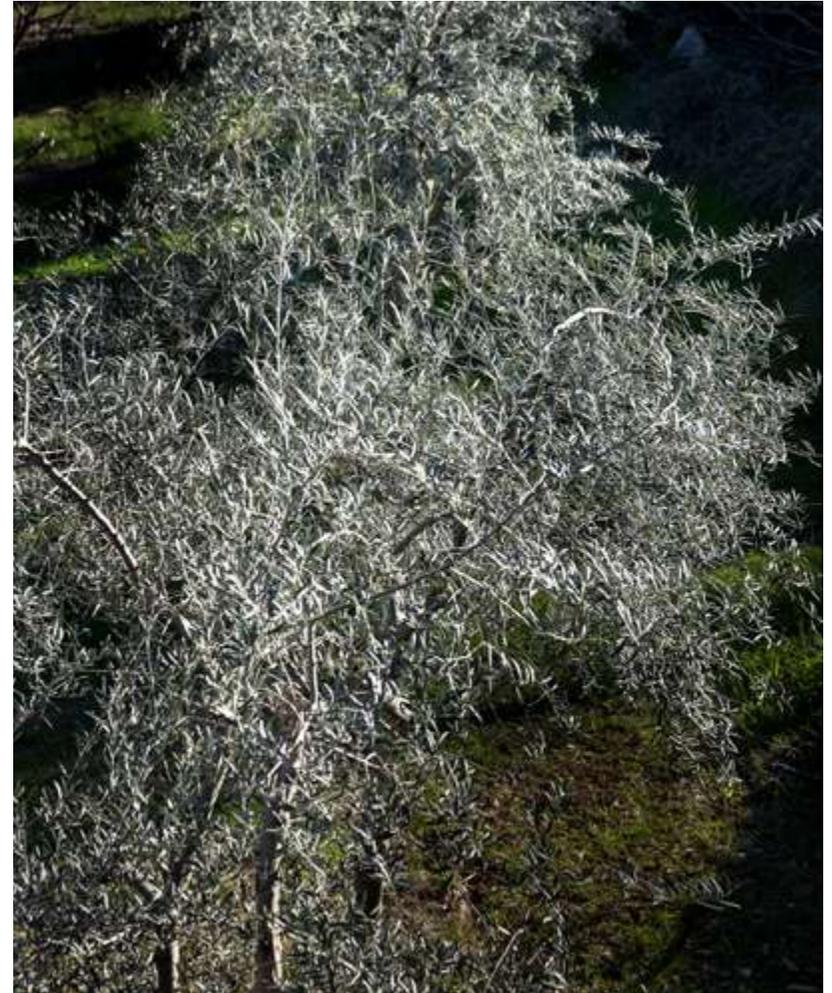
Manuel Dias #06 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Malhadal, Proença-a-Nova, Portugal



Gil Emanuel #05 - músico série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Proença-a-Nova, Portugal



Sem Título #09 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Proença-a-Nova, Portugal



Sem Título #14 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Sobreira Formosa, Proença-a-Nova, Portugal



Sem Título #13 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Corgas, Proença-a-Nova, Portugal



Virgílio Dias Moreira #02 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Vergão, Proença-a-Nova, Portugal



Filipe Faria
Paisagem Sonora #2
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Vila Velha de Ródão

Vila Velha de Ródão

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

De minimal e intimista, a exposição foi ocupar todo o espaço da Casa de Artes e Cultura do Tejo, em Vila Velha de Ródão, a etapa seguinte. Nesta subversão de perspectiva, o tema escolhido foi, também, o menos óbvio, reflectindo, no entanto, um aspecto que é absolutamente transversal a este território, sob todos os aspectos: o azeite.

Trabalho. Luz. Gastronomia. Sagrado. Renovação. Qualquer das referências extrapola o seu significado para o íntimo ou o público, pontos de partida para tomar o azeite na vertente estética e simbólica da sua materialidade. Da escada ao fuso de prensa, passando pela lanterna, a talha ou sifão-aquecedor, todos são objectos de beleza. A sua exposição quis evocar o sentimento do belo no que é familiar, apanhando o olhar desprevenido de quem ultrapassa a familiaridade e se deixa surpreender pela vertente estética.



Leonor Inácio #01 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Fratel, Vila Velha de Ródão. Portugal



Maria do Rosário #07 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Sarnadas de Ródão, Vila Velha de Ródão. Portugal

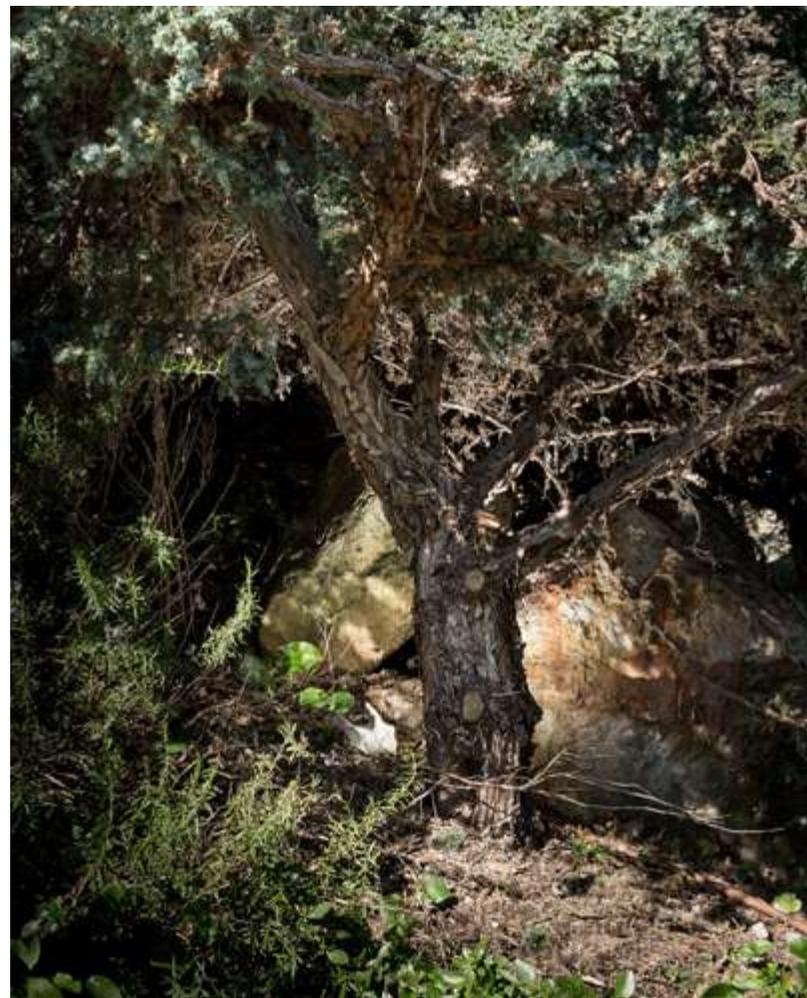


Carlos Lourenço #06 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Cimadas Tostão, Vila Velha de Ródão, Portugal



Sebastião Canelas #04 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Amarelos, Vila Velha de Ródão, Portugal

Sem Título #14 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Vila Velha de Ródão. Portugal





Sem Título #12 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Monte Fidalgo, Vila Velha de Ródão. Portugal



José Sequeira #05 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Fratel, Vila Velha de Ródão. Portugal

Sem Título #09 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Foz do Cobreão, Vila Velha de Ródão, Portugal





Sem Título #12 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Senhora da Alagada, Vila Velha de Ródão, Portugal



Sem Título #10 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Horta do Barateiro, Foz do Cobrão, Vila Velha de Ródão, Portugal



Sem Título #11 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Vale Pousadas, Vila Velha de Ródão, Portugal



Pedro Barateiro #02 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Foz do Cobreão, Vila Velha de Ródão. Portugal



José Pedro Andrade #03 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Vila Velha de Ródão. Portugal

Sem Título #08 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Perais, Vila velha de Ródão, Portugal





Filipe Faria
Paisagem Sonora #3
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Oleiros

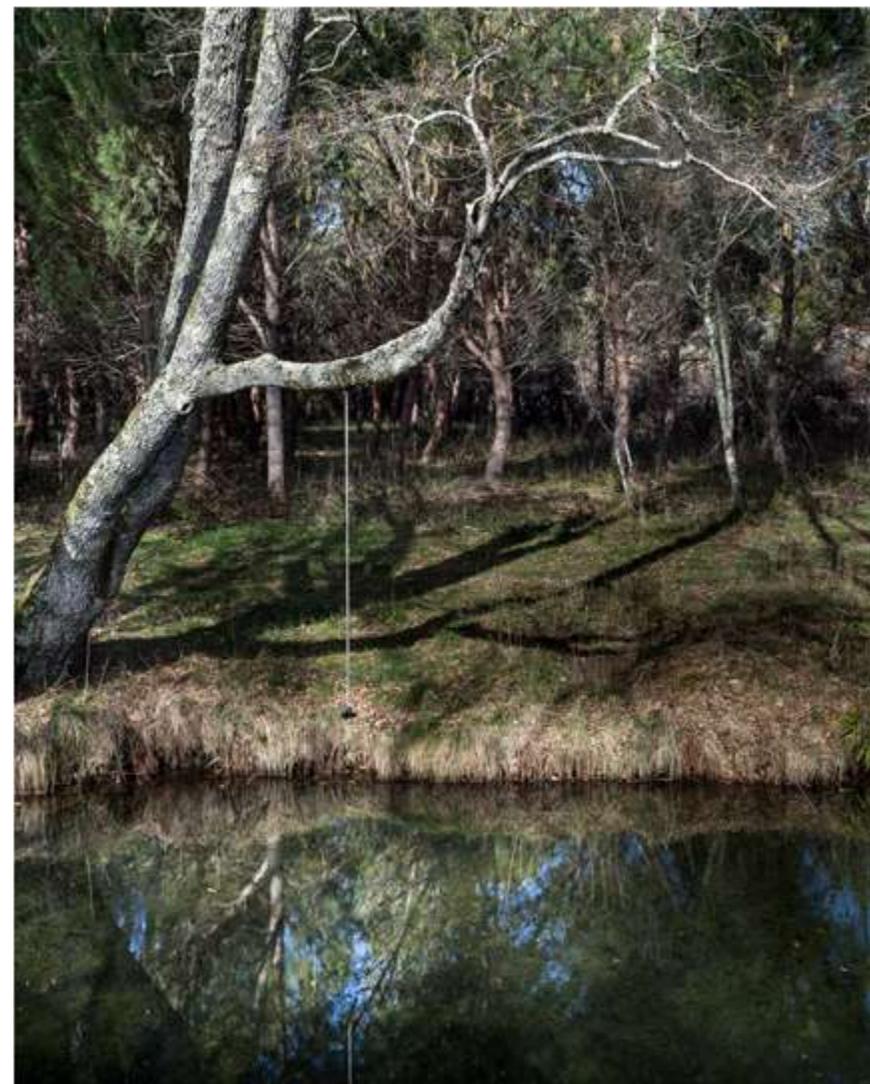
Oleiros

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

Para Oleiros foram escolhidas peças que pudessem representar, de forma consistente, as mulheres do território. A bilha e a rodilha, de Oleiros, são símbolos de esforço e dedicação; a máquina de escrever de Isilda Martins, de Sobreira Formosa/Proença-a-Nova, testemunha a busca de conhecimento e a sua partilha; os arreios do coche de Carlota Pina Ferraz, de Penamacor, alegoria de independência, iniciativa e determinação; a coroa de flores da Dança das Virgens, de Lousa/Castelo Branco, representação da performatividade feminina; a colcha em *patchwork* feita por Ermelinda Cargaleiro, de Chão das Servas/ Vila Velha de Ródão, marca da criação artística e do espírito empreendedor; e a sertã, garfo e trempes, usados para fritar as filhós à lareira, de Josefina Pissarra, metáfora para a comunidade e amor familiar em Penha Garcia/ Idanha-a-Nova .



Sem Título #02 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Tojeira, Oleiros, Portugal



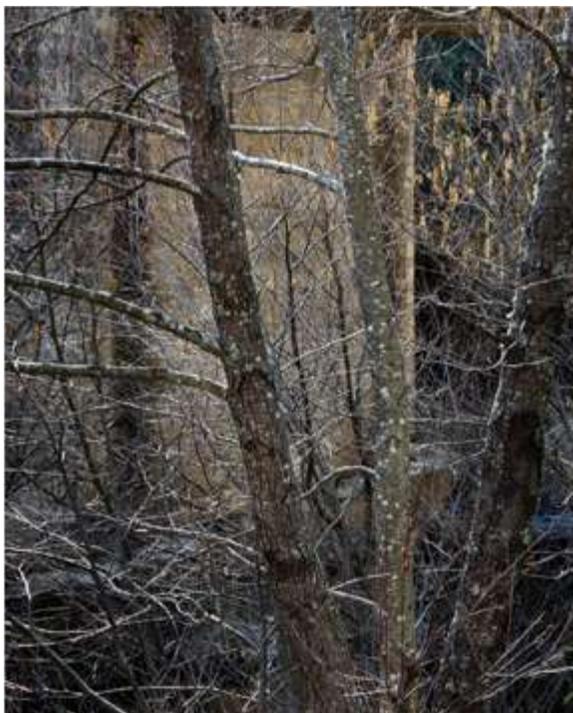
Sem Título #01 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Lameira, Oleiros, Portugal



Augusto de Matos #04 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Oleiros. Portugal



Abílio Alves #05 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Oleiros. Portugal



Sem Título #06 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Poço de Fervença. Ribeira das Casas da Zebreira, Estreito, Vilar Barroco, Oleiros, Portugal



Sem Título #07 da série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Vale de Moses, Amieira, Oleiros, Portugal



Sem Título #08 da série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Igreja Matriz, Oleiros, Portugal



Maria Idalina e Paulo Silva #09 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Madeirã, Oleiros, Portugal

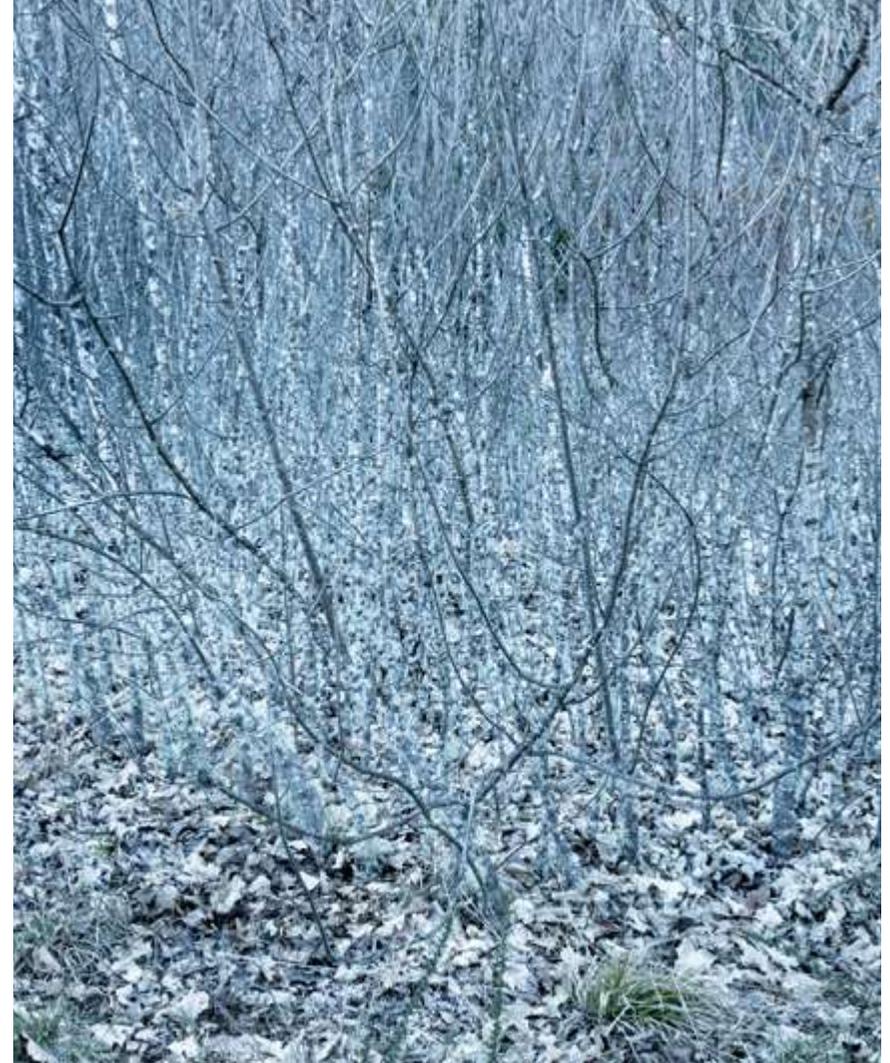


António Farinha #11 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Vale da Cuba, Isna, Oleiros, Portugal



António Martins #10 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Gaspalha, Álvaro, Oleiros, Portugal

Sem Título #12 da série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Vale do Gato, Oleiros, Portugal



Maria Afonso Silva #13 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Oleiros. Portugal





Sem Título #13 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Miradouro do Mosqueiro, Orvalho, Oleiros, Portugal



Nuno Caldeira #14 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Ribeiro de Peso, Oleiros, Portugal



Filipe Faria
Paisagem Sonora #4
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Castelo Branco

Castelo Branco

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

Transcendendo o tempo e tão transversal ao território hoje como outrora, a romanidade foi a temática escolhida em Castelo Branco. As colecções museológicas à guarda do Museu Francisco Tavares Proença Júnior continuam a agregar a longa memória histórica da Beira Baixa. Bebendo da fonte do conhecimento arqueológico, exibiram-se peças do acervo MFTPJ, a par de peças do acervo dos municípios e de coleccionadores privados, sendo este último – que, no fundo, somos todos nós – singularmente representativo da proximidade que a comunidade tem com a memória de Roma.

Sem Título #8 série 7retratos. 7paisagens enquanto retratos
Jardins do Xisto, Silveira dos Limões, Castelo Branco, Portugal





Custódio Castelo #14 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Castelo Branco. Portugal



António Salvado #02 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Castelo Branco. Portugal



Sem Título #06 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Rio Ocreza, Castelo Branco. Portugal



Sem Título #05 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Malpica do Tejo, Castelo Branco. Portugal



Sem Título #01 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Ermida de Nossa Senhora de Mércoles, Castelo Branco. Portugal



Lurdes Baptista #03 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Castelo Branco. Portugal



Sem Título #11 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Jardim do Paço, Castelo Branco, Portugal



Tatiana Resende #09 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Castelo Branco, Portugal

Sem Título #07 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Rio Ponsul, Monte do Chaveiro, Lentiscais, Castelo Branco, Portugal





Jorge Silva #04 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Tapada das Sortes, Alcains, Castelo Branco, Portugal



Maria de Lurdes Carreiro #12 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Lardosa, Castelo Branco, Portugal



Sem Título #10 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Jardim do antigo Palácio dos Viscondes de Portalegre, Castelo Branco, Portugal



Miguel Carvalhinho #13 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Castelo Branco, Portugal



Filipe Faria
Paisagem Sonora #5
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Penamacor

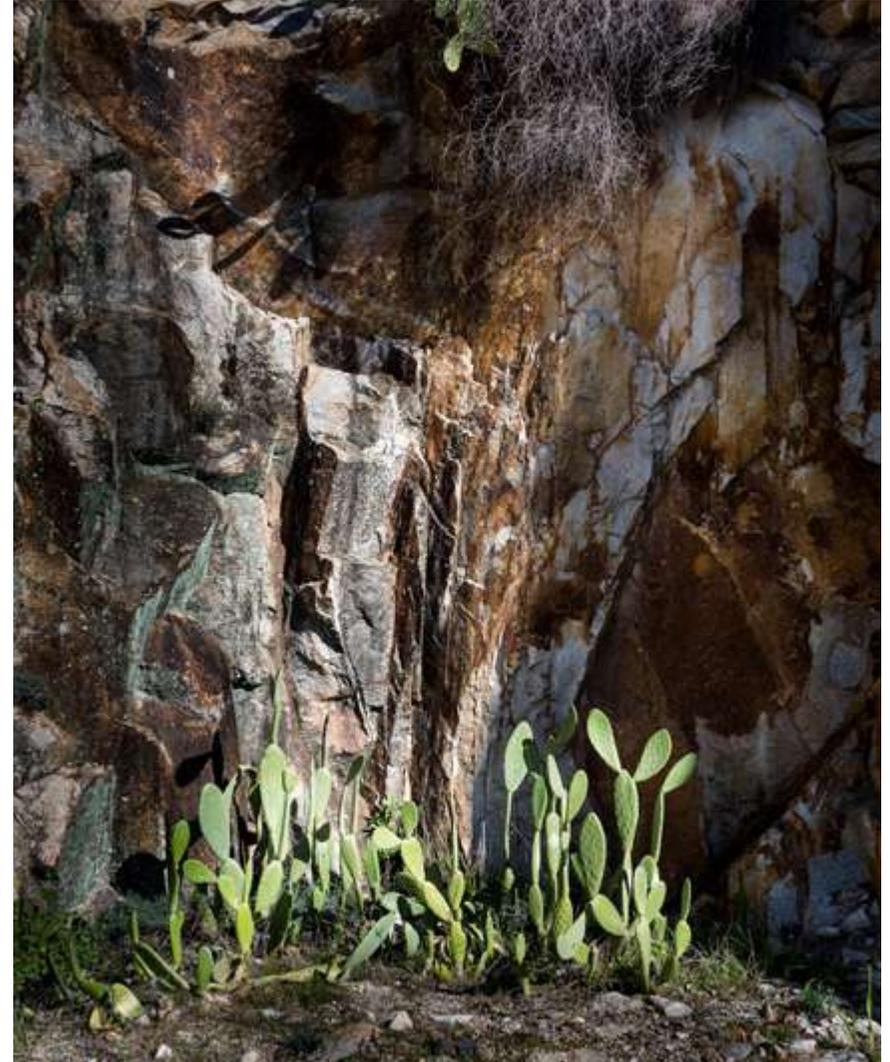
Penamacor

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

Para o penúltimo capítulo da exposição, a Beira Baixa foi perspectivada sob o prisma da fé.

A Fé, enquanto traço de união através da celebração, comunitária e popular testemunhada pelas festas de cada lugar, foi o elemento congregador do território no momento que coube a Penamacor. Aqui, escolhemos peças devocionais com foco no masculino: o Santo António, da colecção do Padre João Pires de Campos — Penha Garcia / Idanha-a-Nova -, alude à crença na vertente quotidiana, familiar; peça maior da colecção do Museu de Arte Sacra da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, São Tiago de Compostela testemunha a grandiosidade e beleza na fé, mas também o espírito de sacrifício. A réplica do Cristo Rei da Capela de Amarelos/ Vila Velha de Ródão é uma alegoria do sentido de comunidade e do conforto que a fé, e os outros, podem dar; já o estudo de bronze, em escala reduzida, do Crucifixo da Igreja das Águas/ Penamacor traz consigo a actualidade dos rituais, ilustrando o modo como a religião é marcada pela arte contemporânea na sua busca do transcendente e do belo.

Sem Título #10 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Penamacor. Portugal





Ludovina Moreira #02 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Aranhas, Penamacor. Portugal



José Lopes Nunes #01 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Penamacor. Portugal



Sem Título #08 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Aldeia de João Pires, Penamacor, Portugal



Eduardo Galdes #05 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Aranhas, Penamacor, Portugal



Sem Título #12 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Pedrogão de S. Pedro, Penamacor, Portugal



Manuel Martins Lopes Marcelo #03 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Aranhas, Penamacor, Portugal



Sem Título #14 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Salvador, Penamacor, Portugal



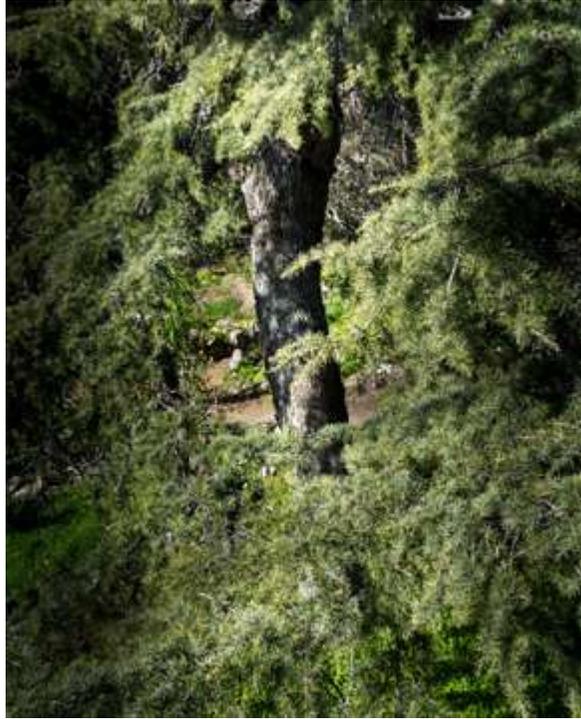
Miguel Bento #04 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Penamacor, Portugal



Sem Título #11 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Aranhas, Penamacor. Portugal



Joaquina Pereira #06 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Benquerença, Penamacor. Portugal



Sem Título #13 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Penamacor, Portugal



Sem Título #09 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Águas, Penamacor, Portugal



Filipe Faria
Paisagem Sonora #6
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Idanha-a-Nova

Idanha-a-Nova

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

A Idanha-a-Nova coube, por fim, a síntese. Todas as imagens que percorreram o território, passo a passo, tiveram aqui o seu encontro. Entre o olhar de Pedro Martins e Valter Vinagre, e as paisagens sonoras de Filipe Faria, há um regresso à premissa inicial: uma viagem de estudo pelo património partilhado dos seis concelhos, reveladora de perspectivas e valores culturais menos conhecidos, alguns deles segredos bem guardados a que urge dar a devida visibilidade a par de novas leituras.

A experiência de cada edição trouxe consigo a definição de linhas de abordagem a partir de um potencial que assenta, antes de mais, na realidade dos lugares, nos acervos museológicos municipais e no explorar de novas formas de diálogo em matéria de cultura e identidade.

O que a cada um nos difere, num determinado momento ou espaço, é sempre susceptível de encontrar um ponto de equilíbrio comum, sobre o qual pode assentar um diálogo rico e construtivo. Esperamos poder afirmar que este projecto trouxe à luz mais um traço de união a uma Beira Baixa feita de tantas e tão singulares diferenças.



Maria Ermelinda S. Luis e António Gaspar #07 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Barra das Almas, Penha Garcia, Idanha-a-Nova. Portugal



Eduardo Costa #03 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Idanha-a-Nova. Portugal



José Relvas #05 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Idanha-a-Nova. Portugal



Sem Título #09 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Relva, Monsanto, Idanha-a-Nova. Portugal



Sem Título #08 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Termas de Monfortinho, Idanha-a-Nova. Portugal



Idalina Gameiro #07 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Penha Garcia, Idanha-a-Nova, Portugal





Sem Título #14 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Senhora da Graça, Idanha-a-Nova. Portugal



Paula Caldeira #06 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Relva, Monsanto, Idanha-a-Nova. Portugal



Josefina Pissarra #02 série 7retratos. 7paisagens enquanto retrato
Penha Garcia, Idanha-a-Nova. Portugal



Sem Título #10 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
São Miguel d'Acha, Idanha-a-Nova. Portugal



Sem Título #13 série 7retratos.7paisagens enquanto retrato
Oledo, Idanha-a-Nova. Portugal

Fotografia

Valter Vinagre

(n.1954, Avelãs de Caminho,

Anadia, Portugal) estudou fotografia no AR.CO (Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa) entre 1986 e 1989 e iniciou o seu percurso em finais dos anos 1980. De início conotado com uma fotografia próxima do registo documental, seu trabalho passou a interiorizar um exercício mais reflexivo sobre a imagem, criando discursos sobre os significados associados à paisagem, à viagem e ao lugar da cidade.

Com inúmeras participações em exposições coletivas e individuais, tanto em Portugal como no estrangeiro, Valter Vinagre conta ainda com Prémio Autores 2016 da Sociedade Portuguesa de Autores - Melhor Trabalho de Fotografia com "Posto de trabalho" - o Prémio da 6.ª Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira, em 1999, com o trabalho "Corpu insanu".

Instalações Sonoras

Filipe Faria

(n.1976, Lisboa)

Pai, músico, autor, programador, produtor e investigador. Fundador, director artístico e de produção e tonmeister da produtora e editora Arte das Musas (2000-) com a qual cria e desenvolve projectos originais nas áreas da música, arte sonora, filme documental, artes plásticas, fotografia e programação. Fundador e director artístico dos consorts de música antiga e contemporânea Sete Lágrimas ECMC (1999-) - 12 CD + 350 concertos em Portugal, Bulgária, Itália, Malta, Espanha, China, Suécia, França, Bélgica, Noruega, Luxemburgo e República Checa - e Noa Noa (2012) - 4 CD + 50 concertos em Portugal, França, Bélgica e Japão - e dos Festivais Terras sem Sombra (2003-2010) e Fora do Lugar - Festival Internacional de Músicas Antigas - em Idanha-a-Nova (2012-).

Edição
Comunidade Intermunicipal
da Beira Baixa

1ª edição:
Março 2021

Curadoria
Mariana Salgueiro
e Centro Cultural Raiano
/ Idanha-a-Nova

ISBN
978-989-33-1362-6

Depósito legal
480335/21

Exposição

Textos
Luís Miguel Ferro Pereira, CIMBB,
Luís Pedro Cabral, Mariana
Salgueiro, Paulo Longo

2021© Fotografias: Valter Vinagre
2021© Textos: os autores
2021© Comunidade Intermunicipal
Beira Baixa

Fotografia
Valter Vinagre

Curadoria
Mariana Salgueiro
e Centro Cultural Raiano
/ Idanha-a-Nova

Design
Napperon

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação
pode ser reproduzida, armazenada
em sistemas de recuperação
ou transmitida de alguma forma
ou meio electrónico, mecânico,
fotocópia, gravação ou qualquer
outro sem a autorização prévia por
escrito dos autores.

Conceito original
Paulo Longo, Centro Cultural
Raiano / Idanha-a-Nova

Pré-impressão
Black Box atelier

Impressão
Norprint - a casa do livro

Itinerância
Proença-a-Nova, Oleiros,
Vila Velha de Rodão,
Castelo Branco, Penamacor,
Idanha-a-Nova

Tiragem
500 exemplares

<http://cultural.beirabaixa.pt/>

—
Este projecto expositivo é desenvolvido no âmbito do Beira Baixa Cultural, iniciativa cofinanciada pelo Programa Regional Centro 2020, Portugal 2020 da União Europeia através do FEDER.